



Benedito Silva, assistente de maître: preconceito de colegas e clientes

Poucos negros assumem chefia, mostra pesquisa

Estudo indica que há mecanismos informais para barrar acesso a cargos de melhores

Uma forma de discriminação pouco explícita deixa os negros fora dos cargos de chefia no mercado de trabalho. Um estudo da psicóloga Maria Aparecida da Silva Bento sobre mecanismos informais de racismo mostrou que há no País uma espécie de segregação "institucional".

Maria Aparecida, da PUC-SP, pesquisou a carreira profissional de 75 trabalhadores negros. O trabalho foi parte de sua tese de mestrado em psicologia social.

"Os brancos acreditam que o negro no comando vai descontar o



**VIOLENCIA
CONTRA OS NEGROS**

preconceito que sofre ou que promoverá somente outros trabalhadores da mesma cor", explica a pesquisadora.

Em geral, quando vencem a resistência e são colocados no comando, os negros desfrutam de pouca confiança. "É comum ouvir a reclamação de que chefes de outras áreas não confiam nas contas preparadas por eles", diz a pesquisadora.

Quando o cargo envolve aparência, as empresas hesitam em ter um negro que as represente. "Os clientes não aceitam", explica Maria Aparecida. É comum, de acordo com a

pesquisadora, negros treinarem funcionários brancos para funções que eles teriam competência para desempenhar. "A promoção nunca vem, por causa da cor."

Uma pesquisa feita em 1990 mostra que, para ter o salário médio de uma mulher branca com quatro a sete anos de estudo, a mulher negra precisa ter de 8 a 11 anos de estudo. "A instrução não livra negros e negras de discriminações e desigualdades nas relações de trabalho."

Exemplo — A carreira profissional de Benedito Ferreira da Silva, de 27 anos, é um exemplo. Formado em decoração, foi contratado para trabalhar numa sofisticada loja de móveis em São Paulo. "Atendia à nata da sociedade", conta Silva. Ao contrário dos patrões, ingleses, os colegas não gostaram da idéia. "Eles achavam que eu não servia para lidar com o público."

Além de ser excluído das rodinhas, Benedito tinha dificuldades para concluir vendas. "O cliente fazia o orçamento comigo e na hora de fechar o negócio meus colegas brancos tomavam a venda", conta. Saiu do emprego e caiu em depressão. "Comecei a me sentir incapaz de fazer qualquer coisa."

Benedito estava desempregado desde o ano passado. Há três meses, foi contratado como garçom no restaurante Lanna Thai, nos Jardins. Na primeira semana de trabalho, um cliente deu um show de preconceito ao ser atendido por um negro. "Ele não me deixava servir bebida no seu copo e conferia os pedidos que eu anotava", conta.

Os colegas perceberam a cena. O maître veio em socorro de Benedito. O cliente esbravejou e inventou que fora mal-atendido e os pedidos haviam sido trocados. "Fiquei muito surpreso, não imaginava que pudesse acontecer uma coisa dessas", diz o dono do Lanna Thai, o holandês Alex Bos.

Três meses depois do incidente, Benedito não só continua no Lanna Thai como foi promovido a "assistente" de maître.

Cotas — Para combater a discriminação, o Programa Nacional de Direitos Humanos propõe nove medidas a serem cumpridas em um ano. "O governo brasileiro finalmente assumiu que existe racismo", comemora Salvino Medeiros, secretário-geral do Movimento Nacional de Direitos Humanos. As propostas são vagas e falam basicamente em apoio e incentivo ao combate do racismo.

Levi's, Motorola, Xerox e Banco de Boston são algumas das empresas que adotam sistema de cotas para negros. A proposta, polêmica até entre os próprios negros, é uma tentativa de colocar em prática o que até agora sobra em discurso. (R.K.)